



## O PERU DE NATAL E OUTRAS MUDANÇAS

“Antevéspera de Natal. Estava na hora de comprar um peru para a ceia. À porta da venda, o anúncio em letras garrafais:

OFERTA

\*Perú que apita

“Pessoa exigente com a língua nacional, Seu Natalino achou o peru com acento uma afronta. Sem falar do engodo do apito: o peru temperado informa o cozimento por um termômetro que salta, mas não apita coisíssima nenhuma.

“E aquele acento agudo, para quê? Sem ele a pronúncia seria diferente? Obviamente não. O natural em português é pronunciar mais forte a sílaba final em **u**. O reino animal nos dá vários exemplos: tatu, urubu, anu, nambu, jacu, uru. O acréscimo de um **s** não faz diferença: tatus, perus, urubus, chuchus, cajus, nus, crus, etc. [...]”

Esse foi o início de uma crônica minha publicada em 1988 e que me ocorreu reproduzir agora em dezembro para mostrar que, assim como mudam os costumes – hoje já existe o *chester*, entre outros tipos de carne consumidos no Natal –, muda também o idioma, que vai produzindo novas palavras e estruturas ou alterando as já existentes em termos de pronúncia, de significado e mesmo de ortografia.

Nesse último caso podemos mencionar algumas palavras compostas com verbos alteradas pelo Acordo Ortográfico (2009). Em relação ao acento agudo em “para”, que caiu, temos: **para-brisa**, **para-choque**, **para-chuva**, **para-lama**, **para-raios**, **para-sol**. Todas com hífen, à exceção de **paraquedas** (e sua derivada *paraquedismo*), sob o argumento que não se usa o hífen em palavras compostas que, de alguma forma, perderam a noção de composição. Não se teria perdido também essa noção (de que a origem é o verbo *parar* com o sentido de *aparar*, *proteger*) nas palavras anteriores?

\* Diretora do Instituto Euclides da Cunha e autora dos livros “Só Vírgula”, “Só Palavras Compostas”



por *Maria Tereza de Queiroz Piacentini* \*

Veja-se ainda que o figurão ou líder passou a ser designado por substantivo sem hífen: **mandachuva**, quando antes o hífen era facultativo: também se podia escrever manda-chuva.

Por isso é discutível a manutenção do hífen em **vaga-lume** e **pica-pau**, que extraoficialmente se escrevia **picapau** (O sítio do picapau amarelo); e **vagalume** já teve registro oficial, como variante, no Pequeno Vocabulário da Língua Portuguesa de 1999. Creio tratar-se do mesmo fenômeno de perda da noção de verbo do primeiro elemento que se vê em **mandachuva** e **girassol**. A incoerência se evidencia na grafia das palavras vagalumear, vagamundear e vagamundo. Por que não vaga-mundo? Ou, melhor, por que não vagalume?

Toda língua muda com o tempo. Se tentarmos ler a carta de Pero Vaz de Caminha provavelmente vamos ter dificuldade em entender o texto. Mesmo os escritores de língua portuguesa do século XIX, como José de Alencar, Machado de Assis e Eça de Queirós, causam certa estranheza para as novas gerações. Ainda que edições atuais tragam a ortografia vigente – e não “pae e mãi” [pai e mãe], por exemplo –, os jovens às vezes não curtem essas obras clássicas por não entenderem muitas palavras ou não harmonizarem seu gosto moderno e solto a uma sintaxe mais formal e tensa.

Com controvérsias ou não, nossas discussões linguísticas continuam na próxima semana. Desejamos a todos um feliz Natal.